

**FATORES ANTECEDENTES DO PERFIL EMPREENDEDOR: UM ESTUDO COM
UNIVERSITÁRIOS NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

ARI MELO MARIANO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
mktmariano@gmail.com

ANDRÉ RODRIGUEZ ALVES COELHO
coelhounb1992@gmail.com

MAÍRA ROCHA SANTOS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
rpmaira@gmail.com

FATORES ANTECEDENTES DO PERFIL EMPREENDEDOR: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

1. INTRODUÇÃO

O mundo vivenciou nas últimas décadas recentes crises econômicas. Vários países mudaram seus panoramas e tiveram de se ajustar de acordo com suas novas necessidades. O Brasil não foi diferente e atualmente também busca se recuperar economicamente. O empreendedorismo é uma resposta ao desemprego que ocorre no mercado.

Em um panorama no qual os índices de desemprego são crescentes no Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo IBGE (2017), a taxa de desemprego do primeiro trimestre do ano de 2017 foi de 14,2 milhões de desempregados, sendo 1,7% superior ao último trimestre de 2016. Portanto o empreendedorismo surge como uma opção para muitos brasileiros e isso independe de sexo, idade ou classe social. A vontade de ter seu próprio negócio, ser o próprio chefe, estimula muitas pessoas, seja por oportunidade de momento ou necessidade circunstancial. Sendo assim, ocorre mais uma alternativa para a geração do trabalho autônomo e para a formação da classe empresarial local, de modo que são criadas também novas opções de produtos e serviços para a sociedade (PAIVA JR. e CORDEIRO, 2002).

De acordo com Shaver e Scott (1991) para que seja possível entender sobre empreendedorismo, é necessário levar em consideração vários fatores considerados de grande relevância: marketing, situações econômicas, capacidade de financiamento e fatores governamentais, na qual nenhum dos fatores tem a capacidade de individualmente ser responsável pela criação de um novo empreendimento.

Para entender melhor sobre empreendedorismo, é importante compreender o que leva uma pessoa a abrir uma empresa. Desse modo há a importância de se ter conhecimento se a pessoa está apta ou não a empreender. Segundo Neto et al (2013), a Orientação Empreendedora está altamente correlacionada a três fatores: a Inovação, a proatividade e o risco. A inovação deve ter um papel de suporte às ações competitivas da organização em relação a criação de novas ideias, experimentações, produtos e processos diferentes das práticas e tecnologias já existentes.

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Existem diversas características que são consideradas fundamentais para que uma pessoa venha a abrir seu próprio negócio. Bohnenberger e Freitas (2007) elencam oito características que ajudam a compreender melhor o comportamento de um empreendedor. Há também uma linha de pesquisa que defende que o comportamento empreendedor possui forte relação com o Locus Interno e o Locus Externo, ou seja, esse comportamento pode ser definido por questões de sorte ou então através das competências de determinado indivíduo (MACIEL e CAMARGO, 2010).

Desse modo, o estudo questiona quais são os fatores considerados mais importantes para a criação de um perfil empreendedor e pergunta-se: Existe diferença entre os fatores que influenciam o perfil empreendedor entre alunos de Administração e Engenharia de Produção da Universidade de Brasília?

Este estudo é importante para os cursos de Administração e Engenharia de Produção, pois permite entender as características do perfil empreendedor dos alunos desses dois cursos da Universidade de Brasília.

Tendo em vista o cenário no qual os índices de desemprego estão cada vez maiores no Brasil, o empreendedorismo surge como importante ferramenta para a criação de emprego e renda da população. Dessa maneira, conhecer o que torna as pessoas mais empreendedoras é fundamental para que futuramente o país melhore seus índices de emprego. Assim o objetivo geral deste estudo é apresentar os fatores que influenciam o perfil do empreendedor dos discentes de Administração e Engenharia de Produção da Universidade de Brasília.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Comportamento Empreendedor

O estudo do perfil empreendedor não é algo novo. Diversas revistas acadêmicas internacionais que estudam exclusivamente o tema empreendedorismo, como por exemplo, o *Entrepreneurship Theory and Practice* e *International Entrepreneurship and Management Journal*. No Brasil ainda não há revistas exclusivas para discutir o empreendedorismo, sendo mais comum o assunto estar relacionado a revistas de Administração.

Analisar as características atitudinais do empreendedor é adentrar em uma literatura vasta, porém Bohnenberger e Freitas (2007) propuseram algumas medidas operacionais as características do comportamento empreendedor:

- Autoeficácia: pode ser considerada como uma capacidade de cognição de uma pessoa, na qual ela é capaz de mobilizar suas motivações, seus recursos cognitivos e também seus cursos de ação que exercitam todos os controles acerca dos eventos que ocorrem na sua vida (CHEN e GREENE et al., 1998). De acordo com Carvalho e Gonzáles (2006) ser autoeficaz é explicar o nível em que uma pessoa crê em suas próprias capacidades para executar uma tarefa.
- Assumir Riscos Calculados: De acordo com Drucker (1986), não se tornam bons empreendedores, pessoas que necessitam contar com a certeza o tempo todo, ou seja, que possuem plena segurança em tudo que realizam. Segundo Henrique e Cunha (2008), a educação empreendedora deve estar focada em desenvolver habilidades que tornem mais fáceis a tomada de decisões, as quais se destacariam a capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas.
- Ser planejador: Fillion (1999) diz que empreendedores não definem situações somente, como também imaginam sobre o que querem atingir no futuro. Sua principal tarefa é na maioria dos casos a de imaginar e traçar o que querem executar, como também de que maneira irão fazê-lo. Seguindo uma linha de pensamento semelhante, Cupertino e Mendonça (2012) retratam que o planejamento é fundamental para desenvolver um novo negócio, pois o mercado por si próprio é sujeito a riscos e crises. Desse modo se não há um planejamento feito de maneira correta, o pequeno

empreendedor não estará pronto para atuar em momentos de crise e esse empreendedor passa a fazer parte da triste lista de empresas que não resistem aos cinco primeiros anos de vida.

- **Detectar Oportunidades:** Prando (2010) relata que a urgência dos empreendedores acontece de diferentes maneiras, podendo ocorrer devido a ações do Estado, que colabora no aparecimento de empreendedores por necessidade, que surgem devido a crises econômicas ou má distribuição de renda. Há também os que são conhecidos como empreendedores por oportunidade, ou seja, que vão em busca de um sonho e aproveitam as oportunidades que surgiram. De acordo com Neto et al (2013) um importante elemento das características de um empreendedor é a sua proatividade, também entendida como a busca de novas oportunidades, que tem relação ou não com as atividades da empresa, com o desenvolvimento de produtos ou serviços novos, a eliminação estratégica de áreas, a presença ou não em mercados emergentes assim como também na antecipação de novas oportunidades.
- **Ser persistente:** De acordo com Lima e Nassif (2016), empreendedores persistentes e com autoeficácia elevada possuem uma maior chance de definirem maiores expectativas de crescimento, que é segundo os autores uma característica desafiadora. Desse modo é possível que suas empresas continuem a persistir em seus esforços de liderança e realizem suas metas. Markman, Baron e Balkin, (2005), mostram que a capacidade para se reerguer de adversidades vividas é fundamental para persistir contra o alto risco e condições desfavoráveis de recurso. Dessa maneira os autores reforçam sobre a importância do empresário ser persistente perante às diversas situações que podem vivenciar durante sua trajetória de negócios.
- **Ser sociável:** Carland et al. (1984) definem o empreendedor como aquele que é responsável por estabelecer um empreendimento, o gerenciando com o objetivo de crescimento e obtenção de resultados. Para Neto et al. (2013, p. 240), a definição de empreendedor seria: “o agente econômico, gerente ou proprietário do negócio, que emprega as ações empreendedoras na busca do crescimento empresarial”.
- **Ser inovador:** Carland et al. (1984) chegam a conclusão de que o empreendedorismo é resultado principalmente de quatro elementos: a personalidade da pessoa, a disposição em inovar, a capacidade de enfrentar riscos e a postura estratégica. Covin e Miles (1999) defendem que o empreendedorismo não pode existir sem inovação.
- **Possuir liderança:** Para Fillion (1999), o comportamento empreendedor possui atitudes de inovação, independência, liderança assim como também a utilização da autoridade formal. Para Souza et al. (2016) o estilo de liderança é um atributo essencial do empreendedorismo, sendo um dos fatores decisivos que corroboram para um indivíduo empreender e liderar sua equipe.

Porém, não apenas estas características explicam o comportamento empreendedor, a literatura apresenta que existem questões cognitivas, conhecidas como Locus de Controle, que segundo Maciel e Camargo (2010), pode ser compreendido como a crença do indivíduo em relação à quantidade de controle de seu próprio destino, havendo duas principais vertentes quanto a esse conceito: o locus de controle interno e o locus de controle externo. A primeira vertente acredita que os fatores internos são mais

responsáveis para controlar o próprio destino, enquanto a segunda defende que fatores externos a pessoa possui uma maior responsabilidade nesse controle.

Wenzel (1993) diz que o *locus* de controle é resultado de como uma pessoa percebe a relação de um evento em relação aos seus esforços. Se a relação ficou clara para essa pessoa, é entendido que ele é internamente orientado. Quando a relação não é clara, diz-se que ela é externamente orientada. Nesse caso a pessoa responsabiliza outros fatores pelo sucesso ou fracasso de uma ação em específico. Segundo Smith, Dugan e Trompenaars (1997), o *locus* de controle interno é inversamente relacionado ao grau de desenvolvimento de determinada nação, na qual sugere-se que empreendedores de países em desenvolvimento possuam um *locus* de controle interno superior ao de empreendedores de países desenvolvidos. Callado, Gomes e Tavares (2006), baseando-se nos estudos sobre o *Locus Interno*, resolvem estudar as características dos empreendedores brasileiros nessa ótica, com o objetivo de descrever traços de personalidade, mais precisamente o *locus* de controle em estudantes e empreendedores brasileiros.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo e descrição geral da pesquisa

Este trabalho utiliza como base a taxonomia apresentada por Vergara (2000) e segundo o autor há dois aspectos de classificação de pesquisa: quanto aos meios e quanto aos fins.

Quanto aos meios, a pesquisa será bibliográfica e de campo. A parte bibliográfica será realizada através do enfoque meta-analítico de Mariano, et al (2011), utilizando a base de dados *Web of Science*, no qual foram encontrados 330 estudos sobre Perfil Empreendedor. A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de questionários, cujo objetivo é coletar dados primários. Esses dados foram obtidos tanto de forma online quanto presencial.

Quanto aos fins, a pesquisa será descritiva, quantitativa e possui o objetivo de descrever a relação entre as 9 variáveis. Dessa forma será realizada uma análise multivariada nos seguintes fatores: autoeficácia, capacidade de assumir riscos calculados, planejador, detecta oportunidades, persistência, sociável, inovação, liderança, *locus* interno e *locus* externo. As variáveis anteriores serão relacionadas com a variável comportamento empreendedor.

4.2 Instrumentos de pesquisa

Para essa pesquisa, foi utilizado o instrumento adaptado do trabalho de Bohnenberger e Freitas (2007). Para isso, utilizou-se como base os 6 atributos que os autores apresentam em seu trabalho, como também foi utilizado como base o questionário criado por eles, adaptado aos objetivos desse trabalho. A Qd. (1) mostra o atributo e quantas questões foram utilizadas para cada um deles.

Quadro 1: Atributos e seus respectivos itens

<i>Fatores</i>	<i>Itens</i>
<i>Auto-realização</i>	AR1, AR2, AR3, AR4, AR5
<i>Lider</i>	L1, L2, L3, L4, L5
<i>Planejador</i>	P1, P2, P3
<i>Inovador</i>	I1, I2
<i>Assume riscos</i>	R1, R2, R3, R4
<i>Sociável</i>	S1, S2, S3

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa, tendo como base o trabalho de Bohnenberger e Freitas (2007)

Além da teoria utilizada no trabalho de Bohnenberger e Freitas (2007), utilizou-se para mensurar o Locus Interno e externo, o estudo de Xavier (2005) no qual foram utilizadas 16 questões no total, oito para locus externo e o restante para locus interno.

Quadro 2: Atributos de Locus de Controle e suas respectivas questões

<i>Fatores</i>	<i>Itens</i>
<i>Locus Externo</i>	LE1, LE2, LE3, LE4, LE5, LE6, LE7, LE8
<i>Locus Interno</i>	LI1, LI2, LI3, LI4, LI5, LI6, LI7, LI8

Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, para a mensuração da variável Comportamento Empreendedor, utilizou-se como base o trabalho de Maciel e Camargo (2010), na qual quatro questões foram utilizadas como referência.

Quadro 3: Comportamento Empreendedor e seus respectivos itens

<i>Fatores</i>	<i>Itens</i>
<i>Comportamento Empreendedor</i>	CE1, CE2, CE3, CE4

Fonte: Elaborado pelo autor

As questões foram adaptadas ao trabalho para que pudesse haver sentido na aplicação das perguntas. Foi utilizada a escala *Likert* de 7 itens, sendo eles: Discordo Totalmente, Discordo, Discordo Moderadamente, Neutro (nem discordo, nem concordo), Concordo Moderadamente, Concordo e Concordo Totalmente.

4.3 População e amostra

Segundo o anuário estatístico da UnB (2016) a universidade conta com 37.982 alunos matriculados em cursos de graduação. De acordo com o site da Universidade de Brasília, o departamento de Administração é o maior da UnB, possuindo 532 alunos do período noturno e 554 alunos no período diurno Enquanto a faculdade de tecnologia da UnB possui 3642 alunos, de acordo com o anuário estatístico da UnB (2016), sendo que 586 alunos pertencem ao curso de Engenharia de Produção.

A amostra estatística usada foi gerada a partir da seguinte fórmula

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{(N - 1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}$$

O nível de confiança adotado é de 90%, com um erro amostral de 5%. A população é de aproximadamente 1672 alunos. Foram obtidas 230 respostas, sendo 209 válidas. 108 respostas são referentes a alunos do curso de Administração, enquanto 101 respostas são de alunos do curso de Engenharia de Produção.

4.4 Procedimentos de coleta e análise de dados

O questionário foi aplicado presencialmente e também através das demais mídias sociais: *facebook*, *e-mail*, *whatsapp*. As aplicações presenciais ocorreram na UnB, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FACE. Também foram

aplicados questionários no Pavilhão João Calmon – PJC, Pavilhão Anísio Teixeira - PAT e por fim na Faculdade de Tecnologia – FT. Todos os questionários foram aplicados entre os dias 10 de maio e 15 de maio de 2017 e somente alunos dos cursos de Administração e Engenharia de Produção da Universidade de Brasília participaram da pesquisa.

Utilizou-se as equações estruturais como técnica estatística. Essa técnica trabalha com análise multivariada e usa o programa *SmartPLS* (*Smart Partial Least Square*). Roldán (2000) mostra que a finalidade da modelização do PLS é explicar os desvios das variáveis observáveis e inobserváveis. Desse modo é possível prever as variáveis latentes e manifestas.

Os dados obtidos nos questionários foram lançados numa planilha de Excel, devidamente organizados para a utilização do programa *SmartPLS*. Todos os cálculos de regressão múltipla e correlação entre variáveis foram obtidos de acordo com o modelo criado. De acordo com Cepeda e Roldán (2004), o modelo de equações estruturais com *PLS* é uma técnica estatística multivariada para provar e estimar relações causais a partir de dados estatísticos e as funções qualitativas de causalidade.

O *SPLS* é uma formula de modelo de equações estruturais e este método modela uma rede causal de variáveis latentes baseado em indicadores (CEPEDA e ROLDÁN, 2004). O PLS pode ser entendido como uma sólida compreensão da análise de componentes principais, análise path e regressões (BARCLAY, THOMPSON e HIGGINS, 1995, p. 290). De acordo com Chin (1998) existem 14 situações que o uso de PLS é ideal, são elas:

Quadro 4: Situações para aplicar o PLS

CONDIÇÕES TEÓRICAS	
1	As hipóteses se derivam de uma teoria macro na qual não se conhecem todas as variáveis relevantes ou destacadas.
2	As relações entre os construtos teóricos e suas manifestações são vagas.
3	As relações entre os construtos são conjecturais.
CONDIÇÕES DE MEDIDA	
1	Algumas ou todas as variáveis são categóricas ou apresenta diferentes níveis de medida.
2	As variáveis manifestas tem um certo grau de não confiabilidade.
3	Os resíduos das variáveis latentes e manifestas se encontram correlacionadas.
CONDIÇÕES DA DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS.	
1	Os dados provêm de distribuições desconhecidas ou não normais.
CONDIÇÕES PRÁTICAS	
1	Se usa desenhos de pesquisa não experimentais como por exemplo questionários, dados secundários, desenhos de pesquisa quase experimentais, entre outros.
2	Modelam-se grande número de variáveis latentes e manifestas.
3	Dispõem-se de muitos casos, ou de muito poucos.

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Chin 1998.

Chin (1998), afirma que o PLS é uma ótima opção para se aplicar no campo da Administração de empresas e Marketing, pois nessas áreas encontram-se bastante as condições vistas na Qd. (4). O PLS pode trabalhar com “modelos complexos e tamanhos amostrais pequenos na qual a amostra requerida será aquela que sirva de base para a regressão múltipla mais complexa que se pode encontrar” (BARCLAY, THOMPSON e HIGGINS, 1995, p 292).

4.5 Modelo e Hipóteses

Para compreender os fatores que levam uma pessoa a empreender é fundamental ter ciência das variáveis que estão ligadas a essa capacidade abrir um negócio. Bohnenberger e Freitas (2007), Xavier (2005) e Maciel e Camargo (2010) desenvolveram modelos próprios para explicar as relações do comportamento empreendedor e diversas variáveis. Para este estudo, adaptou-se os três modelos utilizados por Bohnenberger e Freitas (2007), Xavier (2005) e Maciel e Camargo (2010) e criou-se um modelo próprio formado por 9 variáveis: Auto-realização, Liderança, Planejador, Inovador, Assume Riscos, Sociável, Locus Interno, Locus Externo e Comportamento Empreendedor. Não encontrou-se na literatura trabalhos que explicam as relações entre essas variáveis. A figura 1 apresenta o modelo descrito.

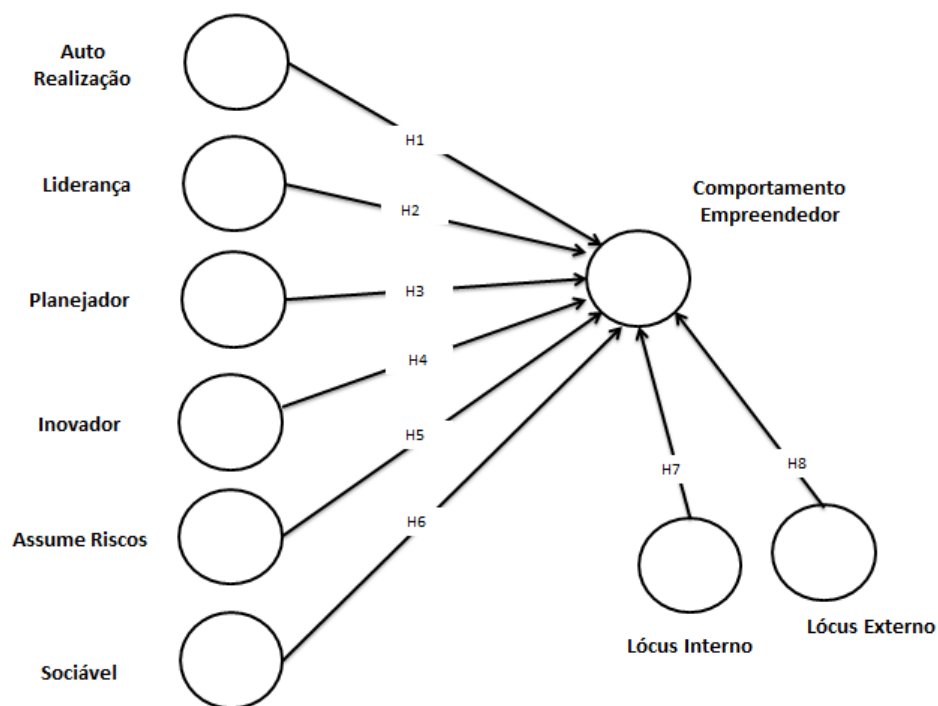


Figura 1: Modelo de equações estruturais - Comportamento Empreendedor

Fonte: Adaptado de Bohnenberger e Freitas (2007); Xavier (2005); Maciel e Camargo (2010)

Assim, surgem as hipóteses:

- H1- A auto realização está relacionada positivamente com o Comportamento Empreendedor.
- H2- A liderança possui uma relação positiva com o Comportamento Empreendedor.
- H3- O Planejamento está relacionado positivamente com o Comportamento Empreendedor.
- H4- A Inovação possui relação positiva com o Comportamento Empreendedor.
- H5- A capacidade de assumir riscos está relacionada positivamente com o Comportamento Empreendedor.
- H6- A capacidade de ser sociável possui relação positiva com o Comportamento Empreendedor.
- H7- O locus Interno está relacionado positivamente com o Comportamento Empreendedor

H8- O lócus externo está relacionado de maneira positiva com o Comportamento Empreendedor.

Foram realizados os testes de confiabilidade e validade do modelo, sendo este satisfatório em todos eles.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados serão divididos em duas etapas. A primeira etapa possui o objetivo de apresentar os resultados demográficos, e a segunda o modelo será mensurado e seus resultados serão devidamente explicados.

5.1 Dados Demográficos

Dos 209 questionários válidos, 121 respondentes são do gênero masculino, representando 57,9% do total de respondentes. A quantidade de respondentes do gênero feminino é de 88 respostas, representando um valor de 42,1% do total. 101 respondentes são do curso de Engenharia de Produção enquanto que 108 representam o curso de Administração, ambos da Universidade de Brasília. As idades dos respondentes variaram de 17 anos a 42 anos, sendo a média de idades de 21 anos. Valoração do modelo estrutural

Após o modelo ser confiável e validado, possuindo índices satisfatórios nos testes de confiabilidade e validade, se faz necessário realizar a valoração do modelo. Para que o modelo seja valorado, duas análises devem ser feitas através dos coeficientes de R^2 e β . O objetivo de R^2 é medir o valor na qual uma variável é prevista, indicando a porcentagem na qual um construto anterior prevê a variável dependente (CEPEDA e ROLDÁN, 2004).

Falk e Miller (1992), dizem que R^2 deve ser maior ou igual a 0,1 para que seja considerado significativo, dessa forma, serão aceitos valores maiores ou iguais a 10%. Percebe-se na figura (2) que para o curso de Administração a variável Comportamento Empreendedor é predita em 58,8% pelas variáveis Planejador, Autor Realização, Liderança, Risco, Inovador, Sociável, Lócus Interno e Lócus Externo. Sendo assim, percebe-se que a variável é explicada satisfatoriamente pelas variáveis independentes.

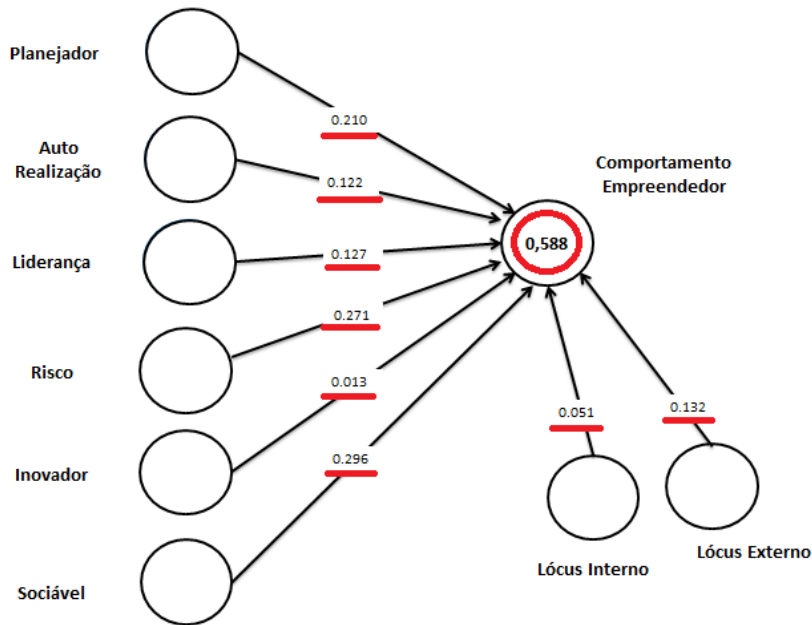


Figura 2: Modelo depurado em Administração com foco no R^2 e β
 Fonte: Elaborado pelo autor adaptado do programa *SmartPLS 3.0*

A figura (3) retrata o índice de predição no curso de Engenharia de Produção, na qual a variável Comportamento Empreendedor é predita em 65,5% pelas mesmas variáveis independentes vistas na Fig. (2). Os outros 41,2% do Comportamento Empreendedor em Administração são explicados por variáveis que não foram representadas nesse modelo, assim como os outros 34,5% que não foram explicados em Engenharia de Produção. O levantamento dessas demais variáveis que afetam o Comportamento Empreendedor podem ser assuntos interessantes para futuros estudos nesse tema.

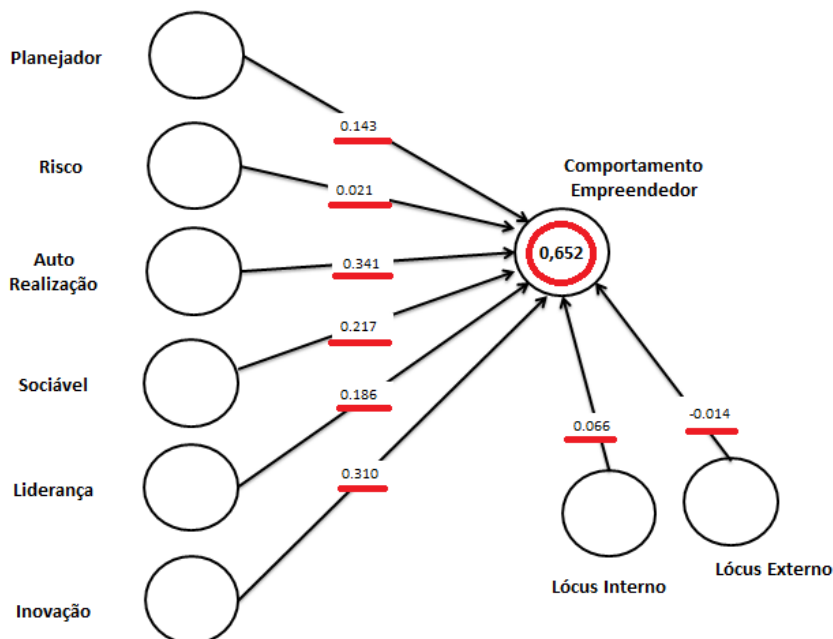


Figura 1: Modelo depurado em Engenharia de Produção com foco no R^2 e β
 Fonte: Elaborado pelo autor adaptado do programa *SmartPLS 3.0*

O coeficiente β é a segunda análise a ser realizada para valorar o modelo estrutural. Os valores de β podem ser encontrados nas Fig. (2) e (3) e foram sublinhados de vermelho nas flechas que fazem a ligação de cada constructo com a variável latente. De acordo com Cepeda e Roldán (2004), β pode ser conhecido como peso de regressão padrão e esse coeficiente é considerado satisfatório quando possui valores acima de 0,2.

Analisando os resultados do β para o curso de Administração, verifica-se que a variável independente Planejador possui um β de 0,210 pontos com relação a variável dependente Comportamento Empreendedor, e segundo as definições vistas em Cepeda e Roldán (2004), significa dizer que há uma forte relação entre essas variáveis. As variáveis independentes Risco e Sociável possuíram β de 0,271 e 0,296 respectivamente e também foram consideradas variáveis de forte relação com a variável dependente Comportamento Empreendedor. Já as variáveis Auto Realização, Líder, Inovador, Sociável, Locus Interno e Locus Externo, possuíram β (betas) menores do que 0,2, sendo assim, a relação delas com a variável dependente Comportamento Empreendedor não é forte.

Realizando a mesma análise para o curso de Engenharia de Produção, a variável Auto Realização possuiu β de 0,341 e foi considerada uma variável independente de forte relação com a variável dependente Comportamento Empreendedor. Esse resultado mostra uma grande diferença encontrada entre os dois cursos, na qual em Administração essa mesma variável não foi considerada forte. Além dela, as variáveis Sociável e Inovação também foram consideradas variáveis de fortes relações com a variável dependente Comportamento Empreendedor, possuindo β de 0,217 e de 0,310 respectivamente. As demais variáveis Planejador, Risco, Líder, Locus Interno e Locus Externo foram consideradas variáveis com fraca relação com a variável latente Comportamento Empreendedor.

Os testes realizados com o β no curso de Administração, nota-se que o Comportamento empreendedor é mais influenciado pelas variáveis *Sociável*, *Risco* e *Planejador*. Enquanto que para o curso de Engenharia de Produção, o Comportamento empreendedor é mais influenciado pela *Auto Realização*, *Inovação* e *Sociável*. A variável Sociável é a única que possuiu boa influência em ambos os cursos. Sugere-se que a diferença encontrada nos resultados seja devido a idade dos entrevistados.

O curso de Engenharia de Produção possuiu mais alunos do primeiro semestre respondendo os questionários do que o curso de Administração. Essa diferença de idade pode ser significativa, pois quanto menor a idade, a probabilidade do candidato nunca ter passado por uma experiência profissional é relativamente alta e isso pode ter influenciado da diferença dos resultados obtidos.

Entretanto, a fim de ratificar os resultados encontrados com o Beta, realizou-se outros testes para hipóteses mais regulares na literatura, como *T-student* e *p-value*. Estes testes são feitos via análise de *Bootstrapping*, que permite examinar a estabilidade na qual as estimativas foram oferecidas no PLS (CHIN, 1998). Ainda de acordo com Chin (1998), o valor do índice *T-Student* deve ser superior a 1,96 e o *p-value* inferiores à 0.05, para hipótese de duas caudas. Na Tab. (1), pode-se observar os valores para Administração e na Tab. (2) para Engenharia de Produção.

Tabela 1: Teste de Hipótese em Administração

	Hipótese	Beta (β)	%	t de Student	P Value	Resultado
H1	Auto realização→ Comportamento Empreendedor	0.122	7,0%	1.362	0,173	Rejeitada
H2	Liderança→ Comportamento Empreendedor	0.127	6,4%	1.440	0,150	Rejeitada
H3	Planejamento→ Comportamento Empreendedor	0,210	8,93%	3,182	0.001	Aceita
H4	Inovador→ Comportamento Empreendedor	0.013	0,37%	0,120	0,905	Rejeitada
H5	Riscos→ Comportamento Empreendedor	0.271	16,2%	2,725	0,006	Aceita
H6	Sociável→ Comportamento Empreendedor	0.296	15,5%	3,832	0.000	Aceita
H7	Lócus Interno→ Comportamento Empreendedor	0.051	1,7%	1,327	0,185	Rejeitada
H8	Lócus Externo→ Comportamento Empreendedor	0.132	2,53%	1,744	0,081	Rejeitada

Fonte: autor

Para os resultados em administração, observa-se na Tab. (1) que os índices de β somente foram superiores a 0,2 em H3, H5 e H6, portanto essas hipóteses foram aceitas. Os demais índices de β não foram próximos de 0,2, desse modo as demais hipóteses foram rejeitadas. Assim, para o curso de Administração foram validadas as seguintes hipóteses:

H3- O Planejamento está relacionado positivamente com o Comportamento Empreendedor.

H5- A capacidade de assumir riscos está relacionada positivamente com o Comportamento Empreendedor.

H6- A capacidade de ser sociável possui relação positiva com o Comportamento Empreendedor.

Os índices *t-student* reforçam o que já foi encontrado ao analisar β , no qual todos os fatores que tiveram β menor que 0,2, também apresentaram valores de *t-student* inferior a 1,96. Para o Curso de Engenharia de Produção, foram validadas as seguintes hipóteses:

Tabela 2: Teste de Hipótese em Engenharia de Produção

	Hipótese	Beta (β)	%	t de Student	P Value	Resultado
H1	Auto realização→ Comportamento Empreendedor	0.341	21,56%	4,382	0.000	Aceita
H2	Liderança → Comportamento Empreendedor	0.186	9,73%	2,338	0.020	Aceita
H3	Planejamento→ Comportamento Empreendedor	0.143	5,26%	2,118	0,035	Aceita
H4	Inovação → Comportamento Empreendedor	0.310	16,76%	4,281	0.000	Aceita
H5	Assumir Riscos → Comportamento Empreendedor	0.021	0,81%	0,262	0,794	Rejeitada
H6	Sociável → Comportamento Empreendedor	0.217	8,41%	2,937	0,003	Aceita

	Hipótese	Beta (β)	%	t de Student	P Value	Resultado
H7	Lócus Interno → Comportamento Empreendedor	0.066	2,45%	0,795	0,427	Rejeitada
H8	Lócus Externo → Comportamento Empreendedor	-0.014	0,19%	0,197	0,844	Rejeitada

Fonte: autor

Os resultados em Engenharia de Produção podem ser observados na Tab (2). Os índices de β somente foram superiores a 0,2 em H1, H4 e H6, portanto essas hipóteses foram aceitas. H2 e H3 apresentaram valores de β próximos a 0,2, portanto, nesse caso foi necessário analisar os demais índices. H2 e H3 passaram a serem aceitos, pois seus índices *t-student* foram superiores a 1,96 e seus índices *p value* foram inferiores a 0,05. As demais hipóteses foram rejeitadas por não possuírem índice β próximo a 0,2. Assim, para o curso de Engenharia de Produção foram validadas as seguintes hipóteses:

H1- A auto realização está relacionada positivamente com o Comportamento Empreendedor.

H2 – A liderança tem relação positiva com o Comportamento Empreendedor.

H3 – O planejamento está relacionado positivamente com o Comportamento Empreendedor.

H4- A Inovação possui relação positiva com o Comportamento Empreendedor.

H6- A capacidade de ser sociável possui relação positiva com o Comportamento Empreendedor.

Desse modo, observa-se que a não significância entre o Lócus Externo e o Comportamento empreendedor ratificam Maciel e Camargo (2010). Entretanto, os resultados para o Lócus Interno não seguiram o que foi encontrado na literatura, na qual em Maciel e Camargo obteve-se uma relação significativa entre o Lócus Interno e o Comportamento Empreendedor, o que não pode ser observado neste trabalho. Acredita-se que a diferença de idade entre os entrevistados tenha feito a diferença nos resultados, pois no curso de engenharia de produção grande parte dos respondentes entrou no curso de graduação ainda nesse ano e possuem idades e experiências profissionais menores.

Embora a modelagem de equações estruturais ser amplamente utilizada na maioria dos casos, para análises confirmatórias, como não há concordância na literatura sobre o perfil empreendedor e seus antecedentes, pode-se dizer que a sugestão de modelagem neste estudo pode ser considerada de caráter exploratório, na qual buscou-se estimar as relações entre a variável independente e todas as variáveis dependentes em cada um dos cursos, Administração e Engenharia de Produção.

5.2 Aplicações Práticas

Os resultados permitem compreender uma diferença nas características do perfil empreendedor para os cursos de administração e engenharia de produção. Dessa forma é possível inferir que os cursos de graduação podem ministrar aulas visando fortalecer as características mais evidenciadas em cada curso. Desse modo, como a capacidade de se socializar foi a que teve maior força no curso de administração, recomenda-se que o curso tenha um foco maior em ofertar matérias que tratem essa competência. Já para o curso de engenharia de produção poderiam ser ofertadas matérias com o foco em auto realização e inovação, pois essas características foram as que possuíram maior número dentro desse nicho de pesquisa.

Seguindo o pensamento de que a universidade poderia potencializar essas características citadas anteriormente, sugere-se que outros cursos busquem descobrir suas competências e ministrem conteúdos acerca dos interesses desses alunos.

Por fim, acredita-se através dos resultados obtidos, que os empreendedores de cada curso possuam modos diferentes de agir em relação ao seu negócio e priorizem as características que foram aceitas em seu respectivo nicho. Portanto, os empreendedores que cursarem administração na UnB tendem a valorizar mais as capacidades de serem sociáveis, de se planejarem e de estarem dispostos a arriscar em seu negócio. Enquanto que os empreendedores que passaram pelo curso de engenharia de produção também valorizam a capacidade de se socializar, buscam no empreendedorismo a auto realização, são inovadores e acreditam que é necessário possuir características de liderança.

As diferenças entre os fatores que influenciam o perfil empreendedor entre os alunos de Administração e Engenharia de Produção ajudam a reforçar o que já foi visto na literatura sobre não haver consenso sobre a definição de comportamento empreendedor. Desse modo verifica-se que de fato o comportamento empreendedor é distinto para cada um.

6. CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve como problema “Existe diferença entre os fatores que influenciam o perfil empreendedor entre alunos de Administração e Engenharia de Produção da Universidade de Brasília?”

Através dos resultados obtidos, pode-se perceber que houve sim diferença entre os fatores que influenciam o perfil empreendedor entre os alunos desses dois cursos. Para o curso de administração, o fator que possuiu maior correlação com a variável Comportamento Empreendedor foi a variável Riscos, correspondendo a 16,2%. Já em Engenharia de Produção a Auto Realização representa 21,56%, portanto, foi a variável com maior relação com o Comportamento Empreendedor de acordo com os alunos desse curso.

Assim, foi possível alcançar o objetivo geral da pesquisa que era apresentar os fatores que influenciam o perfil empreendedor dos discentes de Administração e Engenharia de Produção da Universidade de Brasília.

Um dos fatores limitantes da pesquisa foi a baixa adesão de respostas *online*, sendo necessário realizar uma pesquisa presencial nos Campus das duas faculdades, a FACE e a FT. Pode-se considerar outro fator limitante da pesquisa o fato de não haver na literatura um estudo semelhante para dar mais embasamento a pesquisa, desse modo não foi possível analisar os resultados das hipóteses com nenhum outro estudo acadêmico

Sugere-se que estudos posteriores nessa área pesquisem as relações da Família, do Governo e também das universidades, com o Comportamento Empreendedor. Acredita-se que essas variáveis possam influenciar no perfil empreendedor. Também se recomenda que essa pesquisa seja ampliada para outros cursos de graduação da Universidade de Brasília, buscando o que contribui na construção de um perfil empreendedor em cada um dos alunos de outros departamentos da universidade. Dessa forma será possível executar mais comparações acerca dos resultados obtidos.

7. REFERÊNCIAS

AUTIO, E; Sapienza, H. J.; Almeida, J. G. Effects of age at entry, knowledge intensity, and imitability on international growth. 2000.

BAKER, T.; Nelson, R. E. Creating something from nothing: Resource construction through entrepreneurial bricolage. 2005.

BARCLAY, Donald; HIGGINS, Christopher; THOMPSON, Ronald. The partial least squares (PLS) approach to causal modeling: Personal computer adoption and use as an illustration. **Technology studies**, v. 2, n. 2, p. 285-309, 1995.

BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. *Academy of management Review*, v. 13, n. 3, p. 442-453, 1988.

BOHNENBERGER, M. ; Freitas, E; Schmidt, S. A influência da Família na Formação Empreendedora, 2007

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?indicador=1&id_pesquisa=149. Acesso em: 10 de maio de 2017.

CALLADO, M. C.; GOMES, J. A.; TAVARES, L. E. Locus de controle interno: uma característica de empreendedores? In: ENANPAD,30., 2006. Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2006.

CALAZANS, A. T. S.; MARIANO, A. M.; PALDES, R. A. Uma revisão sistemática da bibliografia sobre métricas funcionais de tamanho de software utilizando o enfoque meta-analítico. **Universitas: Gestão e TI**, v. 5, n. 2, 2015.

CARLAND, J. W.; HOY, F.; BOULTON, W. R.; CARLAND, J. C. Differentiating entrepreneurs from small business owners: a conceptualization. *Academy of Management Review*, v. 9, n. 2, p. 354-359, 1984

CARVALHO, P.; González, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora, v. 12, 2006

CASTANHA, R. C. G; LIMA, L. M. ; ÁVILA, D. M. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de ciência da informação no Brasil. 2016

CEPEDA, Gabriel; ROLDÁN, José L. Aplicando en la práctica la técnica PLS en la Administración de Empresas. In: **Conocimiento y Competitividad. XIV Congreso Nacional ACEDE. Murcia**. 2004. p. 74-8

CHAVES, Sônia Cristina Lima; VIEIRA-DA-SILVA, Lígia Maria. A efetividade do dentifrício fluoretado no controle da cárie dental: uma meta-análise. *Rev Saúde Pública*, v. 36, n. 5, p. 598-606, 2002.

CHEN, C. C.; GREENE, P. G. et al. Does Entrepreneurial Self-Efficacy Distinguish Entrepreneurs from Managers? *Journal of Business Venturing*, v.13, 1998.

CHIN, Wynne W. ISSUES AND OPINION ON STRUCTURAL EQUATION MODELING. **MIS Quarterly**, v. 22, n. 1, 1998.

COVIN, J. G.; MILES, M. P. Corporate entrepreneurship and pursuit of competitive advantage. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 23, n. 3, p. 47-63, 1999.

CUPERTINO, M.; Mendonça, J. Empreendedorismo: Planejamento de Negócios Formais no Mercado Informal, 2012.

DOLABELA, F. Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo corporativo: Conceitos e aplicações. *Revista de negócios*, v. 9, n. 2, 2004.

DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. Inovação e Espírito Empreendedor. São Paulo: Pioneira, 1986.

FALK, R. F.; MILLER, N. B. A primer for soft modeling. 1992. Ohio University of Akron Press, Akron.

FILLION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, v. 34, n. 2, p. 05-26, 1999.

FORNELL, C., Larcker, D.F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*. pg 39-50. 1981.

GARCÍA, C.R. Y RAMIREZ, C.P. El meta análisis como instrumento de investigación en la determinación y análisis del objeto del estudio: Aplicado al estudio de sistema de información, Congreso de Alicante, pgs. 1-13. 2004.

GARCÍA, C.R. Y RAMIREZ, C.P. Meta-Análisis Sobre La Implantacion De Sistemas De Planificación De Recursos Empresariales (Erp). *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*.. vol. 2, No. 3, pp. 245- 273. 2005.

GRÁCIO, C. C. Acoplamento bibliográfico e análise de cocitação: revisão teórico-conceitual. 2016

HENRIQUE, D.; Cunha, S. Práticas Didático-Pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *Revista de Administração*, v. 9, 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. Empreendedorismo. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KLAUS, H.; ROSEMAN, M. Y GABLE, G.G. What is ERP? *Information Systems Frontiers*, Vol.2, nº 2, pgs.141-162.2000.

KRUEGER, N. F. JR.; CARSRUD, A. L. Entrepreneurial intentions: Applying theory of planned behaviour. *Entrepreneurship and Regional Development*, v. 5, n. 4, p. 315–330, 1993

KRUEGER, N. F.; Reilly, M. D.; Carsrud, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. 2000.

LIMA, L. G.; Nassif, V. M. J. Capital Psicológico e Comportamento Empreendedor: Uma análise da trajetória de mulheres empreendedoras, 2016.

LUMPKIN, G. T; COGLISER, C. C; SCHNEIDER, D. R. Understanding and measuring autonomy: Na entrepreneurial orientation perspective. 2009

LUMPKIN, G. T; Gregory, G. Dess. Clarifying the Entrepreneurial Orientation construct and linking it to performance. *The Academy of Management Review*, v. 21, 1996.

MACIEL, C. O.; Camargo, C. Locus de Controle, Comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 2, 2010.

MYERS, R.M. *Classical and Modern Regression with Applications*. 2 ed. Boston: Duxbury Press, 1990.

MARIANO, A. M. ; Paiva, C. P. Marketing boca a bocadigital no Facebook: Uma Pesquisa descritiva através das equações estruturais. *Acervo da produção acadêmica discente do UniCEUB*, 2014.

MARKMAN, G.D.; Baron, R.A.; Balkin, D.B. Are perseverance and self-efficacy costless? Assessing entrepreneurs' regretful thinking. *Journal of Organizational Behavior*, 2005

PAIVA JR, F. G; Cordeiro A. T. Empreendedorismo e o Espírito Empreendedor: Uma análise da Evolução dos Estudos na Produção Acadêmica Brasileira. 2002.

PRANDO, R. A. _Empreendedor e empreendedorismo: História e sociedade - Trajetórias sociais de empreendedores brasileiros de sucesso. *Revista de Negócios*, v. 15, 2010

NETO, J. F. R.; Gallego, P. A. M.; Souza, C. C. ; Rodrigues, W. O. P. As conexões entre orientação empreendedora, capacidade de marketing e a percepção do desempenho empresarial: evidências empíricas das micro e pequenas empresas varejistas. *Revista de Administração*, v. 14, 2013

RAMÍREZ, P. E.; MARIANO, A. M.; SALAZAR, E. A. Propuesta Metodológica para aplicar modelos de ecuaciones estructurales con PLS: El caso del uso de las bases de

dados científicas em estudantes universitários. In: Congresso Internacional de Administração – Ética e Transparência nas organizações, Ponta Grossa. Anais do ADMPG 2014. Ponta Grossa: Estúdio texto, 2014.

RAUCH, A; HULSINK, W. Putting entrepreneurship education where the intention to act lies. An investigation into the impact of entrepreneurship education on entrepreneurial behavior. 2014

ROLDÁN, José L. **Sistemas de información ejecutivos (EIS). Génesis, implantación y repercusiones organizativas**. 2000. Tese de Doutorado. Universidad de Sevilla.

SEBRAE, Global Entrepreneurship Monitor, 2015

[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/\\$File/7347.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/$File/7347.pdf)

Acesso em: 13/03/2017.

SHANE, Scott; LOCKE, Edwin A.; COLLINS, Christopher J. Entrepreneurial motivation. *Human resource management review*, v. 13, n. 2, p. 257-279, 2003.

SHAVER, K.; SCOTT, L. Person, process, choice: The psychology of new venture creation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 16, n. 2, p. 23–45, 1991.

SMITH, M.L.; GLASS, G.V. Meta-analysis of psychotherapy outcome studies. **Am Psychol**, v.32, n.9, p.752-760, 1977.

MARIANO, A. M. ; CRUZ, R. G. ; GAITAN, J. A. . Meta Análises Como Instrumento de Pesquisa: Uma Revisão Sistemática da Bibliografia Aplicada ao Estudo das Alianças Estratégicas Internacionais.. In: Congresso Internacional de Administração - Inovação Colaborativa e Competitividade, 2011, Ponta Grossa. Anais do ADMPG 2011. Ponta Grossa: Estúdio texto, 2011.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of management review*, v. 25, n. 1, p. 217–226, 2000.

SMITH, P.B.; Dugan, S.; Trompenaars, F. Locus of control and affectivity by gender and occupational status. *Sex Roles*, v.36, n.1/2, p.51-77, 1997.

SOUZA, G. H. S.; Coelho, J. A. P. M.; Esteves, G. G. L. E.; Lima N. C. Santos, P. C. F. Inventário de barreiras e facilitadores ao empreendedorismo: construção e validação de um instrumento, v. 22, n 3, 2016.

WENZEL, S. L. Gender, ethnic group, and homelessness as predictors of locus of control among job training participants. *The Journal of Social Psychology*, 1993

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

XAVIER, V. M. Locus de controle, comprometimento organizacional e satisfação no trabalho: Um estudo correlacional, 2005.